

Indústria Têxtil

Caxias confecciona produtos de marcas internacionais

Região tem tradição em confecções; malharias vendem para mercado local e exterior

Eduardo Torres

Seis décadas depois da fundação, hoje é quase impossível determinar até onde chegam as peças de roupas ou tecidos confeccionados pela Pettenati, que é um dos símbolos bem sucedidos da tradição da região na produção têxtil. Entre duas fábricas em Caxias do Sul, a empresa tem a mais moderna e também mais completa malharia da América Latina. Por mês, a Pettenati tem capacidade para entregar até 700 toneladas de tecidos e 200 mil peças confeccionadas aos seus clientes.

Em uma das suas unidades são produzidas peças prontas para confecções de grandes marcas como Nike, Lacoste, The North Face, Le Coq Sportif e Track & Field. Na outra, no distrito de Vila Cristina, a produção é dedicada ao desenvolvimento completo e produção de tecidos de malha circular para até 1 mil clientes das mais variadas marcas da moda ou esportivas.

“Hoje, nenhuma indústria nas Américas concorre com todas as nossas linhas. Atingimos todos os públicos, do esportivo ao estilo montanha, até alfaiataria e o usual do dia a dia. Com o maquinário extremamente flexível para seguir uma

linha tão variada, na confecção, preparamos desde o tecido até a peça acabada, atendendo a todas as exigências das marcas internacionais, e inclusive atuando, hoje em dia, na criação. Já na unidade de tecidos, somente 8% do que produzimos é destinado à nossa própria confecção. O restante vai para todo o mercado brasileiro e do Mercosul”, explica o CEO da empresa, Ricardo Pettenati.

Hoje, somando as duas áreas industriais em Caxias do Sul, são 75 mil metros quadrados somente em estruturas fabris. Há 60 anos, o italiano Pettenati, pai do Ricardo, deu início à pequena confecção em uma área de 35 metros quadrados. Fabricava suéteres e, assim como hoje, já aproveitava as oportunidades. A Pettenati foi a primeira empresa no Brasil a fornecer uniformes escolares para o poder público. Apenas cinco anos depois da fundação, a confecção já era exportada e, em 1971, figurava em feiras internacionais do setor.

A entrada dos asiáticos neste mercado fez reduzir a presença da Pettenati no cenário internacional a partir da década de 1980 e, na década de 1990, mais uma vez a oportunidade resultou em transformação. A marca própria deixou de existir, e a empresa firmou-se como fornecedora de tecidos para a indústria.

“Mas nós percebemos que era necessário termos um portfólio de peças confeccionadas,

até como forma de abriremos o mercado para novos clientes, então reativamos a confecção em 2003, mas especificamente para atendermos marcas esportivas internacionais. Costumamos dizer que somos clientes dos nossos clientes. E este passo foi fundamental para nos estabelecermos hoje como uma referência na sustentabilidade da produção de tecidos e confecções. Era a exigência para entrarmos neste circuito internacional, e nós aprendemos muito bem”, conta o Pettenati.

Cinco anos depois, a empresa caxiense inaugurou uma nova fábrica de confecção em El Salvador, onde há isenções para se tornar competitivo no fornecimento de tecidos para o mercado norte-americano. Hoje, 55% do faturamento da empresa vem das exportações a partir de El Salvador. Lá, são produzidas 850 toneladas de tecidos por mês.

O resultado de tamanha transformação é reconhecido na produção. A empresa da Serra é a maior consumidora de poliéster reciclado das Américas. E, para o tingimento do tecido que resulta desta matéria-prima, só são usados produtos químicos não-tóxicos e corantes que não tenham metais pesados nas suas composições.

“Todo o nosso processo produtivo hoje é reciclável, sustentável. Tudo é circular, como as embalagens plásticas, que são produzidas a partir da reciclagem do nosso resíduo.



Pettenati é capaz de entregar até 700 toneladas de tecidos por mês

O fato de exportarmos nos fez buscar soluções muito antes do restante do mercado brasileiro fazer isso. Nós fazemos há pelo menos 20 anos. Há 15, adotamos o selo Eco3 em nossos produtos. Entre as medidas adotadas estão a devolução da água que consumimos com melhor qualidade do que captamos, além de reduzirmos, nos últimos 20 anos, em três vezes o uso de água por quilo de tecido produzido. Nosso consumo de energia elétrica também está, hoje, na metade do que projetávamos”, explica Ricardo Pettenati.

Para que se tenha uma ideia, enquanto o poliéster reciclado precisa ser importado a partir de El Salvador, porque não é produzido no Brasil, em relação ao algodão, foi da Pettenati a iniciativa para que, primeiro, um produtor brasileiro adaptasse seu plantio para se tornar certificado como “better cotton initiative (BCI)”, que determina se a produção é limpa. Hoje, em torno de 25% do algodão do mundo é BCI. No Brasil, este índice chega a 63%.

“Anualmente somos auditados para garantir que temos

descarte zero de químicos perigosos. Hoje seríamos aprovados até na Alemanha pelos padrões ambientais que adotamos aqui”, assegura o empresário.

Com 1,3 mil funcionários no Rio Grande do Sul e outros 850 em El Salvador, a Pettenati iniciou em 2022 um ciclo de investimentos pesado em atualização tecnológica. Neste ano, o investimento é ampliado em 25% para a compra de maquinário mais versátil para o setor de tinturaria e, principalmente, para processos de digitalização, automação e aplicação de inteligência artificial aos processos, em uma otimização que deve ser finalizada em 2025.

Polo das confecções

- São 533 indústrias de confecção ativas, com 26 mil empregos diretos e indiretos entre o Vale do Paranhana e a Serra Gaúcha
- Destacam-se neste setor: Caxias do Sul, Farroupilha, Nova Petrópolis, Igrejinha, Três Coroas, Taquara e Gramado

Fonte: Fitemavest



Suélen Biazolli, da Biamar, integra 2ª geração do negócio

Malharia de Farroupilha busca inspiração tecnológica em Milão

Em busca de maquinário mais moderno, para a maior digitalização da produção e aplicação de recursos como inteligência artificial, os diretores da Biamar, de Farroupilha, estiveram em Milão, na Itália, no começo deste mês. Desde 2022, a empresa que fica no coração do polo das malharias, entre Farroupilha e Nova Petrópolis, investe na ampliação do seu complexo fabril, em um novo prédio na cidade.

“Fomos à Itália em busca de tecnologia de ponta para essa atualização da malharia

retilínea, em que somos uma referência na região. Hoje, desenvolvemos desde o conceito e o design das coleções em Farroupilha. Com a aplicação dos produtos em 3D, e a partir daí, movimentamos a tecelagem. Diferente daquela visão mais antiga que se tem das tecelagens, hoje esse processo é muito moderno e exige mão de obra também renovada. Um tecelão, hoje, controla 10 máquinas na Biamar”, explica a gerente de Comunicação e Criatividade da empresa, Suélen Biazolli.

Ela faz parte da segunda

geração da empresa criada pela mãe e pelo tio há 38 anos. Inicialmente, a Biamar produzia peças infantis, e foi uma das diversas empresas do setor surgidas em meio à crise do setor calçadista na Serra. Hoje, conforme o Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem, Malharias, Vestuário, Calçados e Acessórios da Serra Gaúcha (Fitemavest), são 533 indústrias do setor na região, que gera até 26 mil empregos diretos e indiretos.

“Com o passar do tempo, ficamos muito conhecidos pela qualidade do tricô. Após

a pandemia, retomamos a nossa confecção, e estamos em constante crescimento”, conta Suélen.

Hoje, toda a produção da empresa de Farroupilha é feita a partir de energia limpa, especialmente solar. E como a produção é retilínea e com peças prontas, não há cortes e não há geração de resíduos na produção.

Somente neste ano, a empresa investe R\$ 5 milhões na finalização do seu novo parque industrial, onde são empregadas 400 pessoas. Todas moradoras de Farroupilha.